

Meu caro Milton, tuas duas cartas longas, (9 e 17/7), as quais são as melhores que já recebi, me parecem contraditorias no aspecto central do qual tratam. Na primeira carta você contesta minha tese que nossa cultura passa por três estágios: material, energia, informação, ou: coisa, processo, forma. Na segunda carta você aceita, com reservas, a noção do "programa", que é noção "formal". Você se vê obrigado, na primeira carta, de insistir sobre a carência de energia que caracteriza a atualidade, (o que você chama de "pensamento de técnico"). Você tem razão: eu nada entendo da coisa e apenas leio ciencia "vulgar" do tipo Economist e Scientific American. Mas olhe: de um lado a unica industria que floresce atualmente é a dos chips, a unica mão de obra que está faltando é a dos analistas de sistemas, e os unicos preços que estão baixando rapidamente são os dos robôs. De maneira que é obvio até para leigos que a pos-industria será dos instrumentos inteligentes. Outro dia joguei xadrez com tabuleiro inteligente e fiquei profundamente impressionado: o "sujeito" aprendia com meus erros e me batia sempre, se não lhe baixei o nivel em tempo. E ante-ontem "cosinhei" com fogão inteligente, eu que não sei fazer ovos. Por outro lado se é verdade que as energias clássicas estão rareando, não o é menos que as fontes de energia físicas e biológicas são inesgotáveis, e que os países desenvolvidos estão gastando fortunas para aproveitá-las. Dou um unico exemplo: hidrogênio. Pois eu tenho confiança na técnica: se você põe dinheiro na sua boca, ela caga resultados. De modo que a crise do petroleo vai resultar em outra energia mais barata, como a crise do carvão resultou em petroleo. Por isto não creio nos mandarins miniaturizados que governam massa de escravos, (bel imagem tua), mas creio em mandarins miniaturizados que programam massa de funcionários munidos de microprocessadores. (Visão ainda mais terrificante que a tua.) Em suma: insisto que a tal "pos-industria" é a superação do processo, (da energia), pelo programa, (a forma). Fim da "historia", (vir-a-ser), e instalação da "pos-historia", (programas repetitivos).

As tuas "turbulencias no tempo-espaço" cabem muito bem em tal visão do mundo. Sistemas galácticos, ecossistemas, o comportamento humano etc. são "turbulências" das formas multidimensionais, (quatro pelo menos), que são suas "virtualidades". O que importa, para mim; é o fato que tal v são exclui a noção do proposito e da causa. As "turbulências" são combina casuais e fortuitas de formas elementares, e parecem finalísticas ou determinadas apenas para quem as olhar a partir do "fim" ou do "começo". Por contra: tua noção do "programa negativo" é poderosa. Uma vez estabelecido o "alfabeto genético" toda forma de organismo vivo alheio a tal alfabeto fica eliminado do programa da vida para sempre, embora o programa "original" da vida, no pré-cambrio, tivesse incluído uma infinidade de alfabetos poss

veis. Não vejo porque você limita a noção do "programa negativo" à ética: tais proibições se manifestam em todos os campos da realidade, desde o da física até o da história das culturas. Tampouco compreendi tua recusa da entropia como ponto de partida para a compreensão da noção de programa. Pois a entropia zero do "big bang" não seria sinonimo de "programa do cosmos"? E o aumento da entropia no mundo não seria "programação negativa"? Finalmente a ação negativamente entropica do homem, (seu acumulo de informação adquirida, sua "cultura"), não seria programação anti-natural?

O que me ~~esse~~ entendo em ti é teu uso do termo "princípio". O, segundo princípio da termo-dinâmica não é um "balgo", mas a articulação de um "como", exatamente como você o quer. Concordo contigo que o "como" é a relação "programática: não o "know what", mas o "know how". Wittgenstein, um dos pais do pensamento programático, (estrutural), diz: "não o que o mundo é é o misterio mas como ele é". Whitehead está muito bem lembrado por ti, (conheço-o mais ~~o~~ bem), mas deve ser lido no contexto de Cassirer, Popper, Saussure, e sobretudo no contexto de Rappaport, (Theory of games), e Monod, (Le hasard et la nécessité). Sim, estamos voltando a ser realistas platonicos, mas com esta diferença: as "ideias" não são mais formas imutáveis, são formas entrededoras. A pirâmide se nutre de triângulos, a simetria mamifera se nutre da simetria das amébas, e as formas da cultura ocidental se nutra com as formas da cultura madaleniana. Em suma: o tempo é uma das dimensões das formas, ou melhor: há várias dimensões temporais, como há várias espaciais, e até tais dimensões se entre-devoram. Veja-se a noção importantissima da "proximidade" ela é mesurável, não em cm ou seg, mas em sobreposições de cm/sec. Se Jung tem razão ou não: os arquétipos são noção poderosa. E o mesmo vale para a noção de "ecossistema": o peixe é "poximo" do verme na medida na qual come vermes e é comido por eles. Em suma: o termo "princípio" é ambiguo, e proponho que o eliminemos. O que conta é a noção do acaso como "princípio concreto" que tem a finalidade e a causa como seus dois horizontes abstratos. Cassirer

O que estamos lutando a captar, com tamanha dificuldade, é que a "história" não passa de uma das dimensões do real. E que portanto é visão historica é tão abstrata, (empobrecedora), quanto o é a visão mecânica. Isto é duro para judeo-cristãos, mas para os jogadores de Go deve ser fácil. Isto é a confucianização do futuro. Afinal, provavelmente venho para SP. Prepar tua mente para enfrentar o problema comigo.